

SEGUNDO CADERNO

Livro de colecionador

Ao lançar publicação de € 7.800 em Paris, Ernesto Neto discute as dificuldades que limitam a arte brasileira

Deborah Berlinck
Correspondente • PARIS

Um livro de € 7.800 não pode ser um livro qualquer. De fato, o “Livro das castidades”, que a editora suíça Take5 acaba de lançar em Paris — com apenas 30 exemplares —, é mais do que uma sucessão de textos: é uma obra de arte produzida pelo artista brasileiro Ernesto Neto em conjunto com o escritor inglês Tom McCarthy.

Começa pelo invólucro, que Neto produziu especialmente para a ocasião: uma caixa de madeira cor de laranja toda trabalhada como uma escultura, do tamanho de uma maleta, que ainda é guardada numa bolsa preta a tiracolo. Quando na bolsa preta, a obra poderia passar por uma mercadoria qualquer de entrega rápida em domicílio.

— Assim fica protegido (o livro), você carrega, e traz uma coisa mais pop também, que é importante para mim no pensamento artístico — diz Neto, pendurando a bolsa no ombro.

Fora isso, o próprio livro, com texto do escritor inglês e 16 fotos originais feitas e assinadas por Neto, é uma preciosidade. Ele conta que nunca havia participado de experiência artística similar. A editora escolheu o escritor, que conhecia o trabalho do brasileiro. Neto não o conhecia.



ERNESTO NETO, em Paris, com o “Livro das castidades” sobre a mesa: fotos dele e textos de Tom McCarthy

— Me mandaram o livro dele, “Reminder”. Li e achei muito legal, louco. Depois, o conheci em Londres. Tive um papo interessante. Ele está fazendo um livro sobre membranas... — conta.

O lançamento, no Espace Topographie de l’Art, no bairro do Marais, reuniu os principais galeristas de Paris, colecionadores e até banqueiros suíços. O curioso é que até a noite do lançamento Ernesto Neto não havia visto o

trabalho final, nem lido o texto todo. Fez de propósito: quis ter o prazer da surpresa.

— Prefiro dar liberdade para as coisas acontecerem. Meu trabalho é assim: estão ali o polipropileno, o tecido, as pedras. Quando você coloca num espaço, ele acontece desta forma — diz.

O historiador de arte Adon Peres, que organizou o evento, saiu feliz:

— Ele expôs no Pantheon em

2005 e desde então não apresentava nada na França. Estavam todos aguardando para vê-lo. Daí o sucesso do livro. Ernesto Neto é muito reconhecido na França.

O texto de McCarthy é literatura, e não uma crítica ao trabalho de Neto. Inspirado pelas fotos que o brasileiro fez de sua própria obra numa exposição no Museu Toyota, no Japão, em 2008, o escritor conta a história de um homem bebecado por

uma mulher, que quer possuir em todos os níveis, do sexual ao intelectual. A história começa com o homem descrevendo a obsessão para um psicanalista. À medida que a história avança, veem-se as fotos que Neto tirou de uma japonesa em meio à sua enorme instalação no Museu Toyota. A mulher, na verdade, era sua assistente no Japão.

— Ela estava com a roupa com que veio. Eu não disse: “Bota a mão assim, abre a perna assim.” Ela ficou uma hora e meia parada, e eu fotografei. As pessoas são muito importantes no meu trabalho — diz Neto.

No final, tem-se a impressão de que ela é quase engolida pela instalação. Como disse Céline Fribourg, da editora Take5:

— Ele retomou a tradição dos neoneconcretistas brasileiros, que diziam que o espectador tem que se implicar com a obra, para que ela viva. As fotos mostram essa mulher passeando em meio à instalação. A obra quase a come como uma espécie de Levitã. Ela se confunde com a arte.

Ernesto Neto, que este ano participa da Bienal de Gotemburgo, na Suécia, e expõe na Argentina e no México, diz que a arte brasileira está num “período de ouro”, mas aponta um problema: a necessidade de que as instituições do Brasil acompanhem esse processo.

— Faltam organização dos museus e investimentos da sociedade, do Estado, das empre-

sas. Falta dinheiro, não só com investimentos do tipo “evento da TIM, da Coca-Cola, do Bradesco”. Mas investimento em museu mesmo, em coleção — diz.

O artista também se queixa dos colecionadores brasileiros, que não investem na arte nacional como fazem os chineses com a arte de seu país:

— Às vezes o colecionador compra e não quer pagar, ou demora a pagar. Isso só atrapalha.

Valorização da arte

Já o chinês, segundo ele, está comprando e, ainda, pagando caro pela arte de seu país, obrigando nações ricas do Ocidente a desembolsar um valor altíssimo pela arte de sua pátria.

— Na hora em que o colecionador brasileiro pagar uma boa grana pela arte brasileira e disser “Eu pago isso porque vale isso”, vai ser uma explosão. Hoje, Beatriz Milhazes é de quatro a cinco vezes mais barata do que um artista chinês importante. Eu, muito mais ainda — compara.

Neto acha que as autoridades também não fazem a sua parte:

— O governo Lula assinou um acordo com a Bélgica para organizar em outubro 37 mostras sobre o Brasil naquele país. Mas o Ministério da Cultura ainda não liberou dinheiro para os artistas. Se a gente quer ser esse país que todo mundo diz que a gente é, então temos que começar a ter responsabilidade, e não fazer as coisas em cima da hora. ■

Arco surpreende galeristas brasileiros

Trabalhos de Thiago Rocha Pitta e André Komatsu, entre outros, são negociados na feira de arte de Madri

Suzana Velasco

Enviada especial • MADRI

O galerista André Millan mostra os corredores cheios de gente: — Olha só que tranquilidade!

Para quem nunca entrou numa feira de arte, parece um formigueiro. Para Millan, acostumado a feiras como a Art Basel, na Suíça, e a Miami Basel, tudo está sereno na Arco, aberta ontem em Madri. Mas, no meio da suposta calma, ele se surpreendeu com o interesse pela obra de Thiago Rocha Pitta, exposta no

Solo Projects, espaço em que cada galeria leva trabalhos de um só artista, este ano dedicado à América Latina. O galerista da Millan já vendeu uma foto para uma coleção privada e tem dois interessados no vídeo “Danae nos jardins de Górgona”. No estande a seu lado, Eduardo Brandão, da galeria Vermelho, disse que o dia da feira dedicado aos colecionadores, antes da abertura oficial, superou suas expectativas. Até ontem, já tinha vendido três obras de André Komatsu e havia outras três reservadas.

— Está bem melhor do que imaginei — diz Brandão. — No

Solo Projects as pessoas podem conhecer melhor o trabalho de um artista. Mostramos muitos portfólios e já estão surgindo oportunidades de exposições.

No programa geral da feira, Luciana Brito vendeu fotos de Caio Reisewitz e Rochelle Costi, para coleções privadas, e uma da sérvia Marina Abramovic para a fundação espanhola María Cristina Masaveu Peterson.

— O ano passado foi difícil, todas as feiras sentiram, e a Arco ainda mais, porque havia uma crise interna. Este ano ela está mais agitada, tem mais colecionadores — diz a galerista, que

participa da Arco há oito anos.

As outras duas galerias brasileiras na feira também já fecharam negócios. A Ybakatu vendeu uma escultura do português Isaque Pinheiro e uma pintura de Tatiana Stropp. E a Dan Galeria negociou obras de Geraldo de Barros, Macaparana, Luiz Sacilotto e Ascanio MMM.

As boas vendas, porém, podem ser também um reflexo da valorização internacional da arte brasileira. Para André Millan, os brasileiros foram em grande parte responsáveis pelo sucesso da última Miami Basel, que, realizada em novembro de 2010,

também mostrou os sinais da crise nos Estados Unidos. Mesmo assim, em Miami o ritmo é bem mais frenético, diz Millan:

— A Arco não é uma feira de ponta, é um evento mais local. Ainda não vi nenhum colecionador americano, por exemplo. Mas vieram diretores de museus importantes, como a Tanya Barson, da Tate Modern, e o João Fernandes, da Fundação Serralves. Eu não tinha expectativa nenhuma, e agora já tenho. ■

A repórter viajou a convite do Escritório de Turismo da Embaixada da Espanha, do Madrid Fusión e da Travel Ace



A OBRA leiloadada: US\$ 1,7 milhão

Obra de Adriana Varejão bate recorde em leilão

Peça é a mais cara já vendida por um artista brasileiro vivo

Leiloadada na última quarta-feira, na Christie’s de Londres, a obra “Parede com incisões à la Fontana II” (2001) se tornou a peça mais cara já vendida de um artista brasileiro vivo. Criada por Adriana Varejão, a obra alcançou, incluindo a comissão do leiloeiro, o equivalente, em libras, a US\$ 1,7 milhão (cerca de R\$ 2,72 milhões), quando as estimativas apontavam valores entre US\$ 320.200 e US\$ 480.300. O recorde anterior era de Beatriz Milhazes, pela tela “O mágico” (2001), que alcançou US\$ 1,049 milhão (R\$ 1,7 milhão) em leilão realizado na Sotheby’s de Nova York, em 2008. Coincidentemente, no mesmo leilão em que a obra de Adriana foi arrematada, “Post-war and contemporary arts”, quatro obras do argentino Lucio Fontana (1899-1968), homenageado pela brasileira em sua peça, foram negociadas, num total que atingiu cerca de US\$ 9,5 milhões. Em novembro passado, Adriana havia batido seu próprio recorde num leilão de arte latino-americana, com a obra “Paisagem canibal”, que foi vendida por US\$ 602.500. ■

• ARTHUR DAPIEVE: a coluna volta a ser publicada no dia 4 de março

O FILME MAIS COMENTADO DO MOMENTO!

5 INDICAÇÕES AO OSCAR

INCLUINDO
MELHOR FILME - MELHOR DIRETOR - MELHOR ATRIZ

VENCEDOR DO GLOBO DE OURO

MELHOR ATRIZ DRAMA - NATALIE PORTMAN

NATALIE PORTMAN

VINCENT CASSEL

MILA KUNIS

DO DIRETOR DE O LUTADOR | RÉQUIEM POR UM SONHO

CISNE NEGRO

WWW.CISNENEGROFILME.COM.BR

ASSISTA HOJE NOS CINEMAS

16

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 16 ANOS

TEMAS: VIOLENÇA, CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOTRÓPICAS E DROGAS